



UM PODCAST ANTIRRACISTA E GAÚCHO PRODUZIDO POR UMA MULHER NEGRA

AN ANTIRRACIST AND RIO GRANDE DO SUL PODCAST PRODUCED BY A BLACK WOMAN

Valesca Silva de Deus - Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduada em jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas.
E-mail: valescaluz.click@gmail.com

RESUMO

Projetos universitários frequentemente são executados somente no círculo acadêmico com prazo de validade estabelecido. Contudo, um *podcast* chamado “A Cor da Voz”¹ tem ganhado predomínio e relevância no diálogo entre cultura, literatura e Comunicação, ultrapassando a linha tênue entre universidade e sociedade. Produzido por uma mulher negra, Tainã Rosa, a entrevista tem como objetivo geral conhecer de que forma acontece a construção do discurso antirracista, através de uma mídia sonora que cresce constantemente entre pesquisadores científicos, o *podcast*. A entrevista discorre de uma breve revisão bibliográfica significando os termos e expõe a iniciativa como forma de inspiração para reflexão e consumo da abordagem proposta.

Palavras-chave: comunicação; cultura; antirracismo; *podcasts*; feminismo negro.

ABSTRACT

University Projects often run only in the academic circles with a set expiration date. However, a podcast called "The Color of the Voice" has gained predominance and relevance in the dialogue between culture, literature and communication, crossing the fine line between university and society. Produced by a black woman, Tainã Rosa, the interview has as a general objective to know how the construction of the anti-racist discourse happens, through a sound media that is constantly growing among scientific researchers, the podcast. The interview discusses a brief literature review meaning the terms and exposes the initiative as a form of inspiration for reflection and consumption of the proposed approach.

Keywords: communication; culture; anti-racism; podcasts; black feminism.

¹Disponível em: <https://www.ufrgs.br/letras/podcast-a-cor-da-voz/> Acesso em: 10 de jan. de 2023.

INTRODUÇÃO

Em 2022 registrou-se um aumento significativo de pesquisas apresentadas em eventos Comunicação que exploram as formas de produção e consumo de *podcasts*, apesar da discussão ter iniciado na área acadêmica em 2005, mas sem grande ênfase até 2012 (KISCHINHEVSKY, 2017, p.100). Entre os trabalhos, autores divergem nas definições de *podcasts* dentro da Comunicação, por vezes o citam como “modalidade radiofônica” (KISCHINHEVSKY, 2017), pertencendo ao “rádio expandido” (KISCHINHEVSKY, 2016), um tipo de “mídia que conecta de alguma forma o áudio na internet” (CARDOSO, 2022), “uma tecnologia para distribuição, recepção e escuta sob demanda de conteúdo sonoro” (BONINI, 2020) e apontamentos semelhantes com o rádio: “não é apenas um meio convergente (reunindo áudio, *web* e dispositivos de mídia portáteis), mas também uma tecnologia disruptiva e que já obrigou alguns no ramo do rádio a reconsiderar algumas práticas e preconceitos estabelecidos sobre audiências, consumo, produção e distribuição” (BERRY, 2006, p.144). Apesar das definições técnicas e observações dos modos de produção de um *podcast*, esta ferramenta foi fortalecida no Brasil, com uma temática “educativa” (CHAGAS, 2019).

Depois deste viés, encontramos o *podcast*, *A Cor da Voz*, que dialoga com a utilização da ferramenta, encontrado fora dos grandes veículos de Comunicação, traçando informações epistemológicas culturais da negritude produzidas por uma professora, mestra e mulher negra, Tainã do Nascimento Rosa. A relevância social do *podcast* vai muito além de uma iniciativa de extensão universitária, projeto que no cotidiano, virou livro gratuito com conteúdo frequentemente não abordado em espaços naturais de troca de aprendizagem. A partir desta fusão de conhecimento intelectual, científico, temáticas antirracistas, “experiências negras de vida, arte negra e conceitos vinculados aos debates raciais”, produzidas pela mestra e discutidas com fontes seguras que estudam e vivenciam experiências no Rio Grande do Sul, a iniciativa corresponde às perspectivas decoloniais que possivelmente dão “cor às vozes” que participam dos episódios. O processo de identidade de uma mulher negra é diariamente desconstruído pelas marcas do racismo sofrido ao longo da história, conforme aponta bellhooks.

A exploração sexual de mulheres negras enfraqueceu a moral das pessoas negras recentemente alforriadas. Porque para eles parecia que, se não conseguissem mudar as imagens negativas da mulheridade negra, jamais conseguiriam erguer a raça como um todo. Casada ou solteira, criança ou adulta, a mulher negra era um alvo suscetível para estupradores brancos. Jovens meninas negras eram aconselhadas, por pais e mães preocupados, a evitar andar por ruas isoladas e evitar contato com homens brancos, sempre que possível (hooks, 2020, p.44.).

No livro, *Por um feminismo afro latino americano: ensaios, intervenções e diálogos*, Lélia Gonzalez entende que práticas políticas sociais excluem a população negra da nação brasileira, identificado por uma “divisão racial de espaço principalmente na região Sudeste do Brasil” (GONZALES, 2020). Portanto, considerando estes apontamentos, convidamos a *podcaster*, Tainã Rosa, para detalhar o *A Cor da Voz* e apresentar suas especificidades.

QUESTIONÁRIO

Pergunta Valesca:

1. Qual foi a inspiração inicial para criar e desenvolver o podcast *A Cor da Voz*?

Resposta Tainã Rosa:

Eu tenho uma trajetória na negritude, de alguma forma em toda minha vida pessoal, mas também a minha vida profissional desde o magistério, que iniciei aos 14 anos. Eu já fazia literatura

negra através da contação de histórias e fui sendo de alguma forma lembrada disso por professoras negras, que começaram a me apontar que o que eu fazia era literatura negra com epistemologias negras. Professoras tanto no magistério, quanto na graduação, depois me mostrando que esses saberes que eu produzia, eram possibilidades acadêmicas. Então a partir disso, durante o meu mestrado, em 2020 em que toda essa pesquisa voltada para epistemologias decoloniais e quanto mais epistemologias decoloniais negras, estavam fresquinhas assim, de alguma maneira ainda mais potentes dentro da minha formação, eu comecei a me intrigar do porquê os debates sociais e raciais estavam sendo principalmente postulados por pessoas acadêmicas. Isso acabou ferindo essa democratização de debate que eu acredito. É o meu vislumbre, era de que a gente estava ferindo de alguma maneira essa democratização do debate. E aí, observando muito as redes sociais também no momento que a gente estava vivendo de pandemia, eu percebi que abordagens como mito da “democracia racial”, “lugar de fala”, entre outros termos, estavam sendo colocados como “conceitos dados” sendo que quem realmente precisava participar dessas falas, não estava participando. A prática desses conceitos se vive nas comunidades, mas a reflexão às vezes não é possível, então comecei a pensar como que eu poderia levar essa discussão à frente principalmente para públicos não acadêmicos.

Pergunta Valesca:

2. Por que a escolha da construção de um podcast entre possibilidades de meios de Comunicação? Tu encontrasses outras alternativas?

Resposta Tainã Rosa:

Eu sou uma contadora de histórias, eu venho de uma família de mulheres muito fortes, que contam muitas histórias do interior do Rio Grande do Sul. Então eu percebi que já tendo uma pesquisa aprofundada na epistemologia decolonial de contação de histórias, entendi que poderia se tornar uma prática ancestral de divulgação de conhecimentos, saberes e costumes como diz o Hampâté Bâ (Amadou Hampâté Bâ), era um meio ideal para a produção desse conhecimento. Após pensar por meio de qual mídia digital poderíamos trabalhar, localizamos o podcast como ferramenta para pensar essa praticidade. A definição do podcast ocorreu no olhar dessas comunidades não acadêmicas que de repente estão a caminho do trabalho, que estão em casa, dando conta nessas tarefas diárias ou que estão em uma coletividade, que poderiam ouvir essas informações. Sabemos que tem muita diferença na produção de um conhecimento ouvido e um podcast quanto gravado em vídeo. A gente cuida das entonações, a gente sabe que as pessoas não vão estar visualizando o conteúdo, então tem que descrever o que a gente tá fazendo, quando fala de um livro, quando se fala de um tambor, quando se fala de um cocar, por exemplo. Então tem um lugar de ser.

Pergunta Valesca:

3. De que forma acontece a construção do discurso antirracista abordado nos episódios? Como acontece a escolha dos convidados e por que, A Cor da Voz?

Resposta Tainã Rosa:

E por que então, A Cor da Voz? Eu fiquei pensando muito em nomes que sintetizassem a nossa produção e aí cheguei nesse: A Cor da Voz! Na verdade, fiquei pensando como nós saberíamos quem tá falando? Tem que dizer que todos os nossos convidados do programa são pessoas negras ou são pessoas indígenas. A gente começou a ampliar o programa também para pessoas indígenas e como que a gente sabe que são pessoas negras que estão falando ali? Por conta das experiências, a gente sabe que tem uma cor naquela voz, a gente sabe que através dos conceitos que estão vinculados, tem uma cor por trás daquela voz. E mesmo sem a visualidade, torna-se

interessante pensar sobre isso. A gente tem uma imagem sonora de uma pessoa falando sobre essa experiência e só por meio daquela experiência já sabe que é uma pessoa negra. E seja pelos seus conhecimentos ancestrais, seja pela marca que passa sobre nós que é o racismo. Como diz KabengeleMunanga: “infelizmente hoje é o traço comum que une todos os negros é o racismo”, e a partir de outras vivências, a gente consegue expandir a nossa identidade. Ainda sobre a estrutura a gente começa a pensar, quais conceitos a gente têm que falar antes para dar toda essa ideia de temporada de um podcast. Ah, fulano de tal fala mais sobre o conceito base, então vamos colocar aqui no primeiro episódio, depois tal fulano e tal fulano. Às vezes tem convidados que tem ideias um pouco controversas também, a gente admite isso no podcast. E por que? Para mostrar essa singularidade dentro da negritude, muitas vezes a gente fala negritude e parece uma identidade homogênea das pessoas negras, mas na verdade não! As pessoas negras são muito diferentes, e é claro que a gente tem uma posição dentro do canal. Eu como figura pública e fundadora do podcast, eu tenho princípios que regem o nosso programa como a diversidade, a inclusão, o feminismo, a ampliação do imaginário social, o direito e a identidade. Eles são muito presentes, mas permitir esse caminho de construção também para a diversidade, para o autoconhecimento e para quebra do alto ódio também está aberto. Então às vezes tem convidados que tem algumas ideias um pouco controversas e a gente tenta de alguma forma chamar esses irmãos para o debate e fazer com que eles se insiram e se percebam dentro de uma coletividade e mesmo com diferentes posições, que estejam se encaminhando para produzir e para conseguir transformar a nossa coletividade ainda mais potente.

Pergunta Valesca:

4. Quais são os desafios que uma mulher negra enfrenta para ter “voz” nos ambientes acadêmicos e sociais?

Resposta Tainã Rosa:

E se eu pensar em como eu me posiciono dentro de ambientes acadêmicos ou sociais e como eu conquistei esses lugares de alguma forma, observo semelhanças e diferenças. Eu posso colocar assim então: se eu pensar dentro do ambiente acadêmico, por exemplo, eu tive que por muito tempo provar que eu sabia do que estava falando. E como que eu fiz isso? Estudando muito, tanto uma perspectiva europeizada, estadunidense e francesa de conhecimento, que a gente sabe que a academia ainda é muito francesa, quanto decolonial e ameaficana. Eu posso pensar assim, porque eu tinha que saber o que eles estavam falando e o que eu quero defender. E isso é muito importante, pois conhecimento é poder né? Com certeza Michel Foucault já trouxe isso, e é um francês e outras pessoas já trouxeram isso, como o próprio Hampâté Bâ, que fala dessa magia que corre dentro da contação de histórias enquanto conhecimento. Então ter esse conhecimento e fazer com que ele possa ser ouvido é a primeira coisa, é a primeira fissura que a gente consegue abrir na academia, porque as pessoas vão testar, né? Para uma mulher branca já é difícil, então para uma mulher negra se torna muito mais. Eu fiquei sendo questionada nas aulas universitárias, por conta também de uma estética que é esperada, entrei na graduação com dread nos cabelos, de trança e fiz transição. Também fiz outros tipos de tranças soltas ou tranças embutidas e essa estética negra, ela é muito malvista.

A primeira questão é que esses debates que a gente tem, por exemplo, de colorismo, ele demora mais a chegar, então por eu ser uma mulher negra de pele clara, em alguns lugares, a minha presença gerava dúvida: tu és mesmo preta? Tu podes nos ajudar a falar sobre isso? Tu podes falar conosco sobre isso? Teve essa questão que eu senti em alguns momentos e uma outra questão é: Tu vieste da universidade, né? Será mesmo que tu podes nos apoiar? Então eu acho que essa prova acontece de outra maneira, assim como nas comunidades. Primeiro a

desconfiança, eles pensam: “ninguém nunca vem aqui, ninguém quer nos ajudar” e de alguma forma eu consegui provar que eu faço parte dessa comunidade. Porque em Alvorada, eu pertencço a comunidade em todo o período da minha vida. Eu morei nesta cidade para anunciar que o meu desejo é ajudar os meus. Portanto, sendo reconhecida, entre os meus, essa representatividade começou a ser possível, hoje dentro do meu território. Por exemplo, é normal aqui todas as pessoas que me conhecem nas comunidades sabem o que eu produzo para nossa cidade e no ambiente acadêmico, eu sou muito pouco contestada, por conta de todo trabalho que eu venho fazendo. Quando sou questionada, não tenho problema nenhum em mostrar todo o conhecimento que a potência que eu consegui construir até aqui, possa explicar quaisquer dúvidas.

Pergunta Valesca:

5. Qual a importância do apoio e consolidação de um projeto que nasce na universidade e se desenvolve para atingir a sociedade? Como ocorreu esta disruptura em relação ao seu caso?

Resposta Tainã Rosa:

O projeto na verdade surgiu a partir de uma indignação independente, só que desde o primeiro episódio do canal, teve uma professora na faculdade de Educação que perguntou se eu teria algum projeto para associar e fazer formação de professores. Eu disse, tenho! Estou lançando um projeto, A Cor da Voz, e então ficou associado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) desde o início, mas a produção sobre ele, sempre foi construída de forma independente. Eu recebi alguns feedbacks dos professores da UFRGS, depois também o podcast foi para o Instituto de Letras, tive, por exemplo, um pedido para incluir questões indígenas, de alguma maneira e para mim fez muito sentido, pois eu já visava isso futuramente. Então acho que teve uma troca de algum jeito. Mas eu sempre tento pensar nessa produção como de alguma forma singular e única. O podcast não tenta atender ou apenas responder a universidade, ele tenta pensar socialmente de maneira geral. Ah, e aí claro, vem a contribuir com o pensamento acadêmico para uma melhor qualidade de vida e para uma melhor representação para uma representatividade negra.

Pergunta Valesca:

6. O podcast que virou livro é oferecido gratuitamente na sociedade, observando a conexão entre a ferramenta online e a física, como acontece o consumo da produção antirracista, segundo a proposta do A Cor da Voz?

Resposta Tainã Rosa:

O A Cor da Voz hoje atinge trinta e dois países, o que muito nos felicita, principalmente eu, enquanto fundadora, mas também os nossos autores vinculados. No entanto, a gente sabe que nem todos os lugares possuem internet. Então a gente vive essa dualidade, né? Sabemos da expansão do projeto e ao mesmo tempo entendemos que algumas pessoas têm acesso limitado à internet, logo este motivo fortalece o objetivo do livro físico como potência e possibilidade de chegar em outros espaços. Então eu comecei a pensar: Quem é Alvorada? Como está essa situação? Se eu pensar onde eu dou aula, por exemplo, que eu tenho essa referência da docência e da proximidade com a comunidade muito em vulnerabilidade social percebo que em um dia eles têm acesso a internet, na outra semana não tem, na semana seguinte tem um pacotinho de dados. Então isso é muito transitório, entendendo que às vezes eles conseguem acessar o podcast online e em outras vezes não. Se eles tivessem um livro, poderiam levar para qualquer lugar, né? Desse modo, o livro abre essa possibilidade. Em um primeiro momento, o livro foi pensado para a formação dos professores de Alvorada, para a rede municipal de Alvorada. E aí pensamos que além dos professores terem essa possibilidade de fazerem a formação em

qualquer lugar levarem para sala de aula conseguirem tirar dúvidas ali na aula, mas também para a sociedade em geral ter acesso ao conhecimento. A gente conseguiu, desde o volume um, lançado em 2021, colocarmos o livro em formato PDF na internet, para que qualquer pessoa que quisesse, tivesse a possibilidade de acessar.

No projeto A Cor da Voz, ao longo dos volumes dois e três, a gente fez isso associando também a entrega dos livros gratuitos nas escolas, disponibilizamos o PDF no site e as minibibliotecas foram instaladas na cidade de Alvorada. São vinte e sete pontos de leitura com livros gratuitos impressos, para que a comunidade em geral possa ler. A intenção é que as nossas ações possam ir sendo fomentadas cada vez mais em outros lugares também, com a expansão do território para que a gente possa tanto democratizar o acesso a essa literatura, quanto continuar registrando ou fortalecendo conhecimentos negros e indígenas nesses livros para que não se percam e mais pessoas possam ter acesso, solucionando os problemas para promover uma melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

BERRY, R. Will the iPod kill the radio star? Profiling Podcasting as radio. **The International Journal Of Research Into New Media Technologies**. London, v. 12, n. 2, 2006.

BOCCHINI, Bruno. **Negros enfrentam desigualdades no mercado de trabalho, diz Dieese**. Agência Brasil, 2022. Disponível em: <https://curt.link/o8Sw6R>. Acesso em: 13 jan. 2023.

BONINI, T. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. **Radiofonias – Revista De Estudos Em Mídia Sonora**, v. 11, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4315>. Acesso em: 13 jan. 2023.

HAMP TÉ B, Amadou. **Africultures Les mondes em relation**. 2023. Disponível em: <https://africultures.com/personnes/?no=3815>. Acesso em: 7 abr. 2023.

CARDOSO, M. VILLAÇA, L. Podcast no Brasil: ruptura de modelos de comunicação ou submissão à lógica de grupos hegemônicos de poder? **Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo**. São Paulo, ano 12, v. 1, n. 25, jan./jun. 2022.

CHAGAS, L. J. V.; VIANA, L. O legado de Roquette-Pinto e a produção dos podcasts com viés educativo. **Revista Extraprensa**, v.13, n. 1, p. 40-55, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2019.159566>. Acesso em: 18 fev. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, b. **E eu não sou uma mulher?** 9. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

KISCHINHEVSKY, M. *et al.* A consolidação dos estudos de rádio e mídia sonora no século XXI: chaves conceituais e objetos de pesquisa. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 40, n. 3, 2017.

ROSA, T. **Podcast A cor da voz: livros 2 e 3**. 2021. Disponível em: <https://podcastacordavoz.wixsite.com/home/livrosiiiii>. Acesso em: 10 jan. 2023.

ROSA, T. **Podcast A cor da voz: podcast afrocentrado episódio 01: o genocídio negro descrito por Abdias**. Entrevista: Graziela Oliveira. 1.set. 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5WcnzyeForGiocytSb1q6W>. Acesso em: 5 jul. 2020.

Data de recebimento: 19-02-2023

Data de aceite para publicação: 10-04-2023